

Juliano Apóstata: um poema em três arquivos

Carlos Pittella*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Juliano Apóstata, Juliano em Antiochia, Flavius Claudius Julianus, Apostasia, Paganismo, Valores.

Resumo

Apresentam-se aqui, agrupados pela primeira vez, dez poemas de Fernando Pessoa atribuídos ao projecto «Juliano em Antiochia»: dois deles sendo previamente inéditos, outros dois não constando da edição crítica e quatro contendo novas leituras no estabelecimento textual. Provenientes de três arquivos diferentes, os textos revelam que, entre 1916 e 1919, Pessoa dramatizou, em verso, um período da vida do imperador romano Juliano (Flavius Claudius Julianus), conhecido como «o Apóstata». Pessoa interessou-se, especificamente, pela estada de Juliano em Antioquia, em 362-363 d.C., pouco antes de sua morte: tentando restaurar o paganismo, o imperador via-se isolado e incompreendido por seu povo cristão. Este dossiê inclui introdução, aparato genético e uma série de anexos, entre eles: notas biobibliográficas de Pessoa sobre Juliano, passagens sublinhadas da biblioteca particular do poeta e notas de Fernando Távora sobre a procedência do documento contendo o último poema.

Keywords

Fernando Pessoa, Julian the Apostate, Julian in Antioch, Flavius Claudius Julianus, Apostasy, Paganism, Values.

Abstract

This dossier groups, for the first time, ten poems of Fernando Pessoa attributed to the project “Juliano em Antiochia”: two of them being previously unpublished, two others not included in the critical edition, and four presenting new readings in the fixation of the text. Found in three different archives, the texts reveal that, between 1916 and 1919, Pessoa dramatized, in verse, a period in the life of Roman emperor Julian (Flavius Claudius Julianus), known as “the Apostate.” Pessoa was particularly interested in the stay of Julian in Antioch, in 362-363 CE, soon before his death: trying to restore paganism, the emperor found himself isolated and misunderstood by his Christian people. This dossier includes an introduction, a critical apparatus and a series of appendices, among them: bio-bibliographical notes of Pessoa on Julian, marginalia from the poet’s private library, and records by Fernando Távora on the provenance of the document containing the last poem.

* Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies; Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Teatro.

I. Apresentação

i. Definições.

Não é todo dia que se ouve a palavra «apóstata». Deparando-se com o termo pela primeira vez, talvez seja preciso recorrer ao dicionário. «Apóstata» é «aquele que praticou apostasia», e «apostasia» é «renúncia de uma religião ou crença, abandono da fé (esp. da cristã); renegação» (HOUAISS e SALLES, 2001: 259).

No exemplar de *The Gem Dictionary* da biblioteca particular de Fernando Pessoa, há definições para os termos correlatos «apostasy/apostate/apostatize»:

Apostasy (a-pos'ta-si) *n.* a departure from professed principles.
Apostate (a-pos'tāt) *n.* one that forsakes his principles of religion;—*a.* falling from faith.
Apostatize (a-pos'ta-tīz) *v.i.* to abandon one's faith or party. [abscess.

(*The Gem Dictionary*, p. 34; CFP, 0-6A)

Além de Judas Iscariotes – o apóstolo que trairia Cristo com um beijo – há alguns célebres apóstatas na história do Cristianismo. Dois deles foram lembrados em 2016 no filme *Silence*, dirigido pelo cineasta Martin Scorsese e baseado num romance de Shūsaku Endō de 1966 (cujo título é a palavra japonesa para «silêncio»). O longa-metragem reconta a história do jesuíta Sebastião Rodrigues, que vai ao Japão em busca do seu mentor desaparecido, o padre Ferreira. Como personagem, Rodrigues baseia-se no missionário histórico Giuseppe Chiara (1602-1685), que de fato partira ao Oriente em busca de Cristóvão Ferreira (c. 1580-1650), o qual, por sua vez, realmente cometera apostasia durante os expurgos anticristãos no Japão durante os anos 1630.

Entretanto, o mais famoso apóstata – «O Apóstata» segundo a historiografia do Cristianismo – há de ser o imperador Juliano (Flavius Claudius Julianus). Juliano (também referido como Julião) seria resgatado por Fernando Pessoa em 1916, cem anos exatos antes do filme de Scorsese. Como revelam poemas, planos, listas e notas dispersos por pelo menos três arquivos pessoais, o poeta português quis dramatizar em verso a conturbada estada do imperador neopagão na cidade de Antioquia, em 362-363 d.C.

Quem teria sido, pois, Juliano, e por que ficaria conhecido como «o Apóstata»? Em *The Nuttall Encyclopædia*, volume na biblioteca particular de Pessoa, o verbete «apóstata» surge definido como o próprio epíteto de Juliano:

Apostate, an epithet applied to the Emperor Julian, from his having, conscientiously however, abjured the Christian religion established by Constantine, in favour of paganism.

(WOOD, 1900: 27; CFP, 0-48 LMR)

No mesmo livro, o poeta marcou o verbete «Julian» (cf. FERRARI, 2008: 84):

Julian the Apostate, Roman emperor for 18 months, from 361 to 363; was born at Constantinople, his father being a half-brother of Constantine the Great, on whose death most of Julian's family were murdered; embittered by this event, Julian threw himself into philosophic studies, and secretly renounced Christianity; as joint emperor with his cousin from 355 he showed himself a capable soldier, a vigorous and wise administrator; on becoming sole emperor he proclaimed his apostasy, and sought to restore paganism, but without persecuting the Church; though painted in blackest colours by the Christian Fathers, he was a lover of truth, chaste, abstinent, just, and affectionate, if somewhat vain and superstitious; he was killed in an expedition against Persia; several writings of his are extant, but a work he wrote against the Christians is lost (331-363).

(idem: 366)

O próprio Pessoa resume os dados biográficos do imperador, num documento inédito do Espólio 3 (E3) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP):

Nascimento: Constantinopla a 17 Novembro 331 (ou 332)

Morte: Tummara (sobre o Euphrates) 26 Junho 363.

Filho de Julius Constantius e da sua 2ª mulher Basilina.

Pae foi *égorgé* [assassinado] em 337 por ordem de Constancio II e também seus (de Juliano) dois irmãos (do outro casamento do pae).

341 – foi morto o irmão mais velho de Juliano.

(Gallus, irmão sobrevivente de Juliano nascera em 325)

354 – Gallus (Cesar desde 351) foi morto.

6 Novª 355 – Juliano proclamado Cesar.

Morte de Constancio (pela qual Juliano ficara imperador) 3 Nov. 361.

(BNP/E3, 28-101a^v; vide ANEXO 3)

Contudo, é apenas em algumas passagens em prosa, atribuídas por Pessoa ao heterónimo pessoano Ricardo Reis, que se começa a esclarecer o interesse do poeta pela figura de Juliano como símbolo do paganismo:

Os esforços para repellar o christismo antes de Constantino haviam sido stereis; não era de suppor que o não fôsse a reacção de Juliano. Ella foi o ultimo arranco do paganismo. Na propria indole confessava a sua fallencia. O paganismo de Juliano é já um paganismo de

occultista. O veneno do mystico a tal ponto corria nas veias de Roma que a propria reacção contra o christismo participava de um dos caracteristicos do proprio christismo. A lança que cravou no figado de Juliano matou, como a elle, ao paganismo. O “vicisti, Galilaeu” é apocrypho; podia, porém, ter sido dicto. O resto nem é já a agonia do paganismo; é já, post-mortem, o seu apodrecimento. [...]

Já no periodo da sua formação, o christismo, mau grado o seu fermento fanatico, se mostrára incompetente para edificar characteres humanamente respeitaveis. No que respeita aos imperadores romanos o caso é exaggeradamente flagrante; o christismo honra-se com os assassinos, os crueis e os ô. As figuras nobres, quaes as de Marco Aurelio e de Juliano, não só stão fóra do christismo, como lhe são adversas e o malquerem.

(c. 1916, Ricardo Reis / PESSOA, 2016: 223-224; BNP-E3, 52A-45^v, 46^r e 47^r)

Esse imperador [Juliano] quiz, realmente, restabelecer o paganismo, numa epocha – ai d’elle! – em que o sentimento do paganismo já não existia, mas apenas um culto dos deuses em que a essencia da superstição mais era aquella que havia de ser typica do christismo, que a de uma especie qualquer do *genus* paganismo. Nas proprias idéas de Juliano se reflecte a incapacidade do tempo para uma reconstrucção do paganismo. Juliano era, propriamente, um mithraista, o que hoje se chamaria um theosophista ou um occultista. A sua reconstrucção do paganismo baseava-se, fantasticamente, numa fusão d’elle com elementos orientaes que a furia mystica do tempo havia tornado parte do espirito da epocha. E assim falhou, na verdade porque o paganismo tinha morrido, como morrem todas as cousas, salvo os Deuses e a sua inscrutavel sciencia atormentadora.

(c. 1917, Ricardo Reis / PESSOA, 2016: 266-267; BNP-E3, 21-65^r)

Datados de c. 1916-1917, esses escritos ricardianos são, pois, coetâneos tanto das notas biográficas que Pessoa fez de Juliano, quanto dos primeiros versos de «Juliano em Antiochia»; noutras palavras, a reflexão teórica em prosa acompanha a origem do poema, como freqüentemente ocorre na obra pessoana.

ii. Estado da Questão

Este dossiê contém dez poemas associados a «Juliano em Antiochia», incluindo versos e anexos previamente inéditos. Desde 1952, sabe-se da existência deste projecto, quando Jorge Nemésio escreveu sobre a obra ainda inédita do poeta:

Sobre o tema deste fragmento [«Ó Juliano Apostata, que laço», nº 445 na catalogação de Nemésio] encontram-se, no espólio de Pessoa, mais os seguintes: JULIANO EM ANTIOQUIA, com data de 23-2-1918 (477); LEGENDAS – “JULIANO EM ANTIOQUIA”, com data provável de 1919 (486). A respeito deste fragmento convém notar que, além da subordinação ao título LEGENDAS, existe um esboço do livro de poemas LEGENDAS, com data de 6-4-1919 (501), em que não figura o título daquele poema [...]. JULIANO EM ANTIOQUIA, com data de 22-5-1919 (513); JULIANO EM ANTIOQUIA – LOVE-POEM, com data provável de 1919 (524).

Além da repetição do tema, o que mostra a insistência com que Fernando Pessoa o abordou, não quereríamos deixar de assinalar que o título JULIANO EM ANTIOQUIA foi

enquadrado pelo poeta no plano do seu projectado livro ITINERÁRIO (557), em que figura como poema 5.

(NEMÉSIO, 1958: 130-131)

Malgrado esta inventariação inicial de pelo menos 7 documentos associados a «Juliano em Antiochia», poemas do projecto só vieram à tona em 1990, em *Pessoa por Conhecer*, pelo trabalho de Teresa Rita Lopes. Seguindo a numeração de nosso dossiê, a edição de Lopes incluiu os poemas 1, 3, 4 e 7, além da primeira página do poema 6. Vale ressaltar que, precedendo o texto do poema 7, Lopes também deu a conhecer uma nota explicativa em prosa, feita por Pessoa:

O poema symboliza a alma elevada que, num tempo de decadencia, luta inutilmente, procura infructiferamente entrar, a corrupção e a degenerescencia geraes.

O thema (que deve involver, à parte este ponto central, outros pontos accessorios) é a estada de Juliano na cidade christan e corrupta de Antiochia, e escolhe para base um momento em que o Imperador sente bem a differença moral entre si e os que o cercam, e a differença de força entre a sua personalidade isolada e a inteira estrutura decadente da sociedade que o cerca e que elle “governa”.

No tratamento do thema deve vir penumbrado o fim de Juliano.

(Vide APÊNDICE 3, no aparato do poema 7; cf. LOPES, 1990: 80-81)

Na edição crítica da poesia ortónima escrita em 1915-1920 (PESSOA, 2005c), João Dionísio republicou os poemas 1, 3 e 4 (acrescidos de aparato genético), apresentou pela primeira vez os textos 2 e 5 (sempre segundo a numeração de nosso dossiê) e aumentou em muito o poema 6, estendendo-lhe de 15 para 80 versos. Curiosamente, Dionísio não incluiu o poema 7 (já publicado) nem o 8 (que permaneceria inédito, apesar de mencionado por Nemésio em 1952).

Ainda em 2005, em *Poesia 1918-1930* (PESSOA, 2005b), Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine desencavaram do espólio o poema 8 – erroneamente creditando Dionísio como fonte de primeira publicação tanto de 8 como de 7 (este último, já editado por Lopes).

Além de rever a edição dos poemas 1 a 8 e estabelecer o aparato genético dos textos não incluídos na edição crítica, este dossiê apresenta pela primeira vez os poemas 9 e 10, a partir de documentos encontrados em duas coleções particulares: um dactiloscrito proveniente do espólio de Manuela Nogueira (EMN), sobrinha do poeta; e um testemunho dactilografado com notas manuscritas, descoberto na Coleção Fernando Távora (CFT), verdadeiro tesouro de documentos de onde também provêm os anexos 1 e 2 deste dossiê.

Não se trata do primeiro caso em que um arquivo particular implicou redescobertas nos estudos pessoanos. Para citar um exemplo recente, os Hubert Jennings Papers, doados à Brown University em 2016, possibilitaram a atribuição de um texto do espólio de Manuela Nogueira, não a Fernando Pessoa, mas a

Jennings (cf. FREITAS, 2016); o mesmo arquivo, complementando os papéis na Biblioteca Nacional de Portugal, facilitou a edição de uma série de poemas ingleses de Pessoa previamente inéditos (cf. FERRARI, 2016). Mais exemplos podem ser encontrados na *Pessoa Plural* n.º 8 e em sua versão impressa (PITTELLA, 2016).

O Espólio Fernando Távora, além de oferecer-nos o último poema deste dossiê, conta com notas do colecionador sobre a proveniência do documento e uma cópia do catálogo do 1º Colóquio de Estudos Pessoaanos (*vide* ANEXOS 1 e 2).

Entre os anexos, apresentam-se algumas passagens sublinhadas por Pessoa em livros de sua biblioteca particular; haverá outras, também capazes de iluminar as leituras do poeta aquando da escrita dos versos sobre Juliano. Ainda, este dossier não se envereda pelas várias listas de projectos que mencionam «Juliano de Antiochia», outro fértil caminho para investigações.

iii. Leituras e Releituras

Cada poema achado de Pessoa gera reverberações por diversas partes da obra do poeta, convidando-nos não só à leitura da novidade, mas também à releitura do que conhecemos... ou pensamos conhecer. Perante a visão em conjunto dos fragmentos de «Juliano em Antiochia», abrem-se, pois, caminhos de investigação, pois no poema podemos perceber:

a) elementos sintáticos e semânticos da poesia de Ricardo Reis:

Grinaldas tece para o amor que é morto
Nem só papoulas põe ou claras flores.

(POEMA 6, vv. 48-49)

b) recursos usados em outros poemas dramáticos de Pessoa, como o uso de decassílabos intercalados a hexassílabos, além da associação de versos-falas a uma personagem específica, como freqüentemente o poeta faz no *Fausto*:

JULIANO: Toda essa podridão é o futuro...

(POEMA 10, v. 3)

c) temas shakespearianos, como o passar do tempo e o perdurar da obra, eternizados nos sonetos 17 e 18 do bardo inglês e agora evocados por Pessoa:

De toda uma epocha de gente viva
Que fica na memoria das edades,
Na herdada retentiva?
Um milhão de homens? De almas um milhão?
Não: uma ode..., uma canção...

(POEMA 10, vv. 6-10)

d) intertextualidades com passagens da prosa pessoana, como notou Távora em suas notas (*vide* ANEXO 1), referindo o texto a seguir:

O imperialismo de poetas dura e domina; o dos políticos passa e esquece, se o não lembrar o poeta que os cante. Dizemos Cromwell *fez*, Milton *diz*. E nos tempos longínquos em que não houver já Inglaterra (porque a Inglaterra não tem a propriedade de ser eterna), não será Cromwell lembrado senão porque Milton a elle se refere num soneto. Com o fim da Inglaterra terá fim o que se pode suppor a obra de Cromwell, ou aquella em que collaborou. Mas a poesia de Milton só terá fim quando o tiver o homem sobre a Terra, ou a civilização inteira, e, mesmo então, quem sabe se terá fim.

(PESSOA, 1974: 60 e 1979: 240; BNP/E3, 125A-13)

e) importantes contributos para a teorização pessoana sobre o paganismo, pois «Juliano em Antiochia» também pode ser lido como panegírico neopagão. Nesse sentido, cronologia e teoria literária são importantes: o ano de 1916 (quando Pessoa escreveu os primeiros versos sobre Juliano) também foi um período crucial no desenvolvimento dos heterónimos; além disso, o próprio conceito de «paganismo» é chave para o entendimento do heteronimismo, como indicou Jennings nos anos 1980 (1984: 157-161 e 1986: 92-95) e aprofundou Steffen Dix em 2005.

f) a necessidade de reinterpretar escritos autobiográficos de Pessoa, pois ele se identifica com Juliano; o próprio título da seção em que Lopes apresentou os primeiros poemas de «Juliano em Antiochia» evidencia tal relação: «Pessoa – pagão novo: reincarnação de Juliano Apóstata» (LOPES, 1990: 80). Note-se que o poema 1 principia na segunda pessoa, com a evocação «Ó Juliano Apóstata», mas termina (na medida em que um poema incompleto pode terminar) na primeira:

Agora, renascido,
Quero outra vez erguer os deuses mortos

(POEMA 1, vv. 16-17)

A mesma identidade ressurgue na prosa pessoana: «Mais do que, propriamente, o dos neo-platonicos é meu o paganismo sincretico de Juliano Apostata» (c. 1917, PESSOA, 1966: 229; BNP/E3, 21-7^r). Com a publicação dos cálculos astrológicos feitos no mesmo bifólio em que o poeta listou dados biográficos de Juliano, percebe-se que o poeta buscou uma relação entre a sua data de nascimento e a do imperador Juliano (*vide* ANEXO 5). Isso permite ler sob outra luz o texto inglês «I have, thus, arrived at my 28th year...» no mesmo suporte (*vide* APÊNDICE 4).

À guisa de conclusão (ou provocação numerológica), chame-se atenção para o fato de que os fragmentos de «Juliano em Antiochia», em conjunto, somam 241 versos – exatamente *um a mais* do que o total de versos da «Ode Triunfal», com a qual o heterónimo Álvaro de Campos foi apresentado ao mundo (*cf.* PESSOA, 2014:

18-19). Agora, deixe-se que o semi-ortónimo Juliano Apóstata nos convide uma vez mais a conhecer, desconhecer e reconhecer Pessoa.

Juliano o Apóstata

Julião Apostata

Juliano em Antioquia

II. Poemas*

1. [BNP/E3, 42-26^r]

c. 3-6-1916

Ó Juliano Apostata, que laço
 É esse que me prende a quem tu foste,
 Imperador sombrio e calmo, quem
 É que em nós ambos é o mesmo alguém?
 5 Porque sinto eu teu gesto no meu braço
 Na minha vida tua morte.

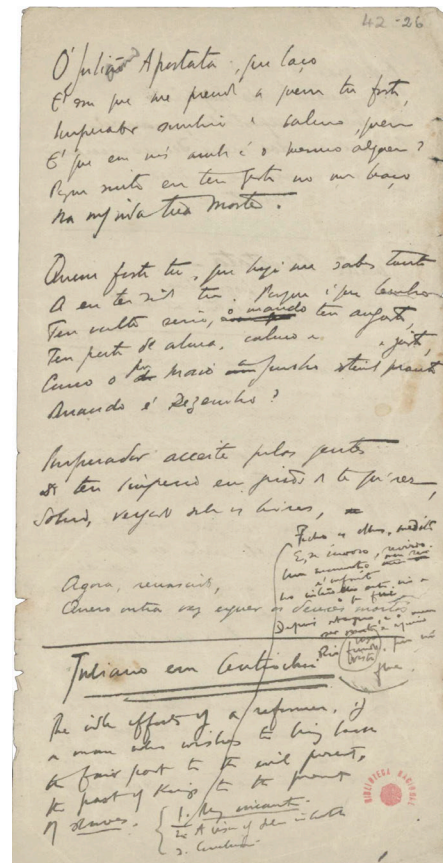
Quem foste tu, que hoje me sabes tanto
 A eu ter sido tu. Porque é que lembro
 Teu vulto serio, o mando teu augusto,
 10 Teu porte de alma, calmo e □ e justo,
 Como o por Maio a Junho steril pranto
 Quando é Dezembro?

Imperador aceite pelas gentes
 Do teu Imperio em prisões de te qu'rer,
 15 Sobrio, vergado sobre os livros,
 □
 Agora, renascido,
 Quero outra vez erguer os deuses mortos

2. [BNP/E3, 42-26^r]

c. 3-6-1916

Fecho os olhos, medito
 E, se invoco, revivo.
 Um momento meu ser é infinito
 No intervalo entre mim e o que fui
 5 Depois estagno, e o meu ser morto e esquivo
 Rio vasto por mim flue.

Fig. 1. BNP/E3, 42-26^r

* Agradeço a Jerónimo Pizarro a ajuda na edição de passagens à primeira vista ilegíveis.

3. [BNP/E3, 42-26^v]

c. 3-6-1916

Outr'ora
 No crepusculo do Imperio,
 Eu, Julião o Apostata, mandei
 Os templos dos meus Deuses reerguer.
 5 Não era minha a Hora.
 Tua era, ó Christo, e □

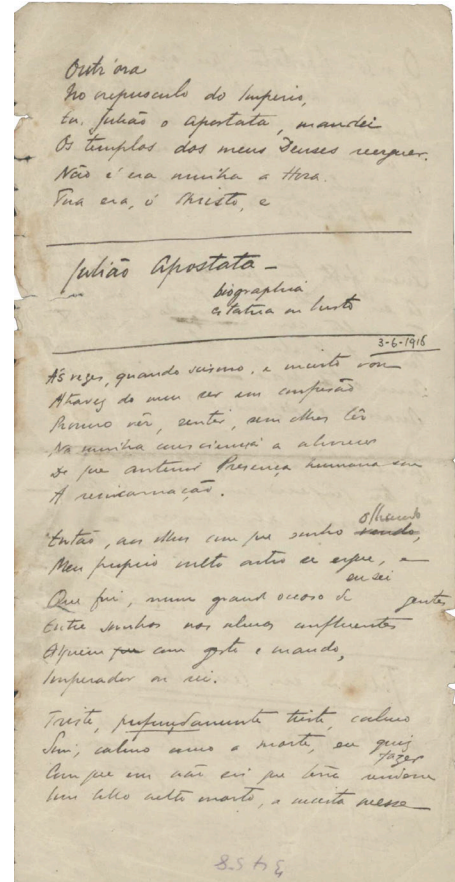
4. [BNP/E3, 42-26^v]

3-6-1916

Às vezes, quando scismo, e incerto vou
 Atravez do meu ser em confusão
 Procuro vêr, sentir, sem olhos lêr
 Na minha consciencia a alvorecer
 5 De que anterior Presença humana sou
 A reencarnação.

Então, aos olhos com que sonho olhando,
 Meu proprio vulto outro se ergue, e eu sei
 Que fui, num grande occaso de □ gentes
 10 Entre sonhos nas almas confluentes
 Alguem com gesto e mando,
 Imperador ou rei.

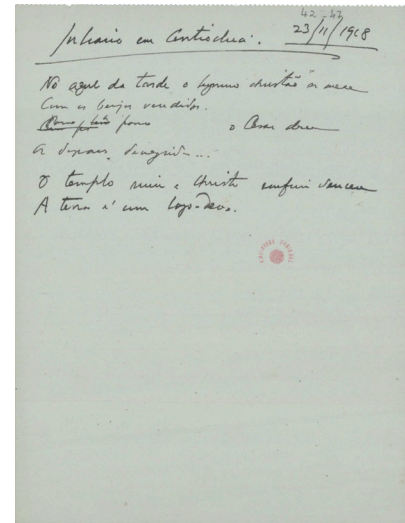
Triste, profundamente triste, calmo
 Sim, calmo como a morte, eu quiz fazer
 15 Com que em não sei que terra revivesse
 Um bello culto morto, a incerta messe

Fig. 2. BNP/E3, 42-26^v

5. [BNP/E3, 42-47^r]

23-11-1918

- No azul da tarde o hymno christão se mexe
 Com os beijos vendidos
 Pouco a pouco □ o Cesar desce
 Os degraus denegridos...
- 5 O templo ruiu e Christo enfim venceu
 A terra é um Logo-Deus.

Fig. 3. BNP/E3, 42-47^r

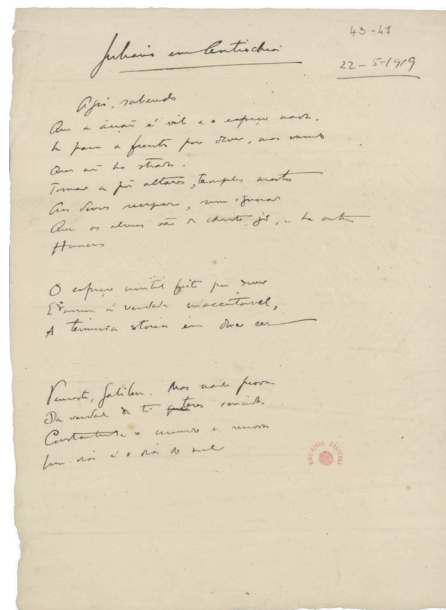
6. [BNP/E3, 43-47 e 43-48]

22-5-1919

- Agir, sabendo
 Que a acção é vil e o esforço nada.
 Ir para a frente por dever, mas vendo
 Que não ha strada.
- 5 Tornar a pôr altares, templos mortos
 Aos deuses reerguer, sem ignorar
 Que as almas são de Christo já, e ha outros
 Homens □

- O esforço inutil feito por dever
 E o amor á verdade inaceitavel,
 A teimosia stoica em dever ser
 □

- Venceste, Galileu. Mas nada prova
 Da verdade de tu teres vencido.
 Constantemente o mundo se renova
 15 Um dia é o dia do mal □

Fig. 4. BNP/E3, 43-47^r

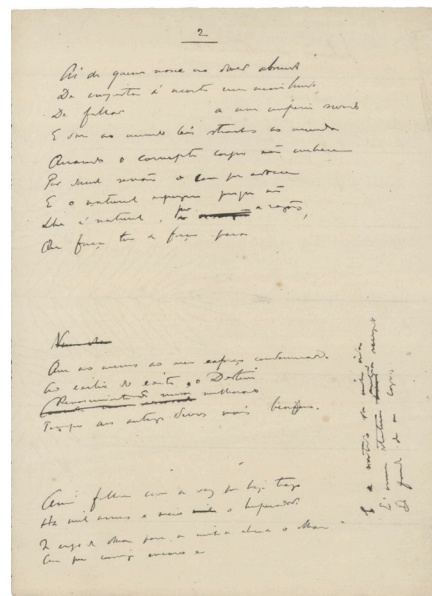
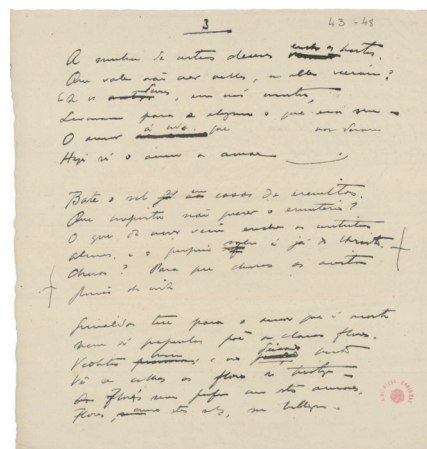
20 Ai de quem nasce no dever absurdo
 De conquistar á morte um moribundo,
 De fallar □ a um imperio surdo
 E dar ao mundo leis stranhas ao mundo
 Quando o corrupto corpo não conhece
 Por saude senão o bem que adoece
 E o natural repugna porque não
 Lhe é natural, por □ a razão,
 Que força tem a força para □
 □
 25 Que ao menos ao meu exforço condemnado
 Ao exilio do exito, o Destino
 Renascimento dê num melhorado
 Tempo aos antigos deuses mais benigno.

30 Assim fallou com a voz que hoje trago
 Ha mil annos e meio o Imperador.
 Se ergo de olhar para a minha alma o olhar
 Com que commigo encaro e □

35 E o sentido da minha vida
 É uma statua antiga reerguida
 Do fundo de um lago □

A sombra de outros deuses enche os hortos.
 Que vale não crer n'elles, se elles vieram?
 E se os deuses, em nós mortos,
 Levaram para o abysmo o que era seu –
 40 O amor á vida, que □ nos deram
 Hoje só o amor a amar □.

Bate o sol só em casas de eremitas.
 Que importa não querer o ermiterio?
 O que de novo veiu enche as contritas
 45 Almas, e o proprio sonho é já de Christo.
 Choras? Para que choras as avitas
 Glorias da vida □

Fig. 5. BNP/E3, 43-47^vFig. 6. BNP/E3, 43-48^r

Grinaldas tece para o amor que é morto
 Nem só papoulas põe ou claras flores.
 50 Violetas busca; e no deixado horto
 Vê se colhes as flores da tristeza –
 Flor's sem perfume como estes amores,
 Flores, como estas sebes, sem beleza.

E quando, de grinalda já composta
 55 Só restar dar-lhe o uso e ao uso os beijos,
 Com lentas mãos desfal-a □
 Penelope *sahira sem marido
 Desfal-a como aos □ desejos
 Quando realizal-os □

E assim na inutil obra em que compões
 60 Sem mesmo ser para os campos, as flores
 Que com cuidado nas grinaldas pões
 E sem cuidado continuas pondo,
 Vae vivendo a sonhar esses amores
 65 Que em meu sonho de ti eu vou compondo;

E um dia, se é dos deuses, ou de além,
 Que em outros corpos volta a nova alma
 Em que esta dôr nossa consciencia tem,
 Se entre outros hortos □

70 Talvez que extranhos um ao outro nós
 Cruzemos no caminho e um só momento
 Olhando-nos, *venha um subito e veloz
 E autentico assombro e □ medo
 Uma emoção no nosso pensamento
 75 Uma occulta verdade do segredo.

E será esse nada o amor emfim
 Por que esta grinalda morta é feita;
 E um e outro, pesando-nos na alma,
 Perguntamos: que houve agora em mim?
 80 Mas já parámos...

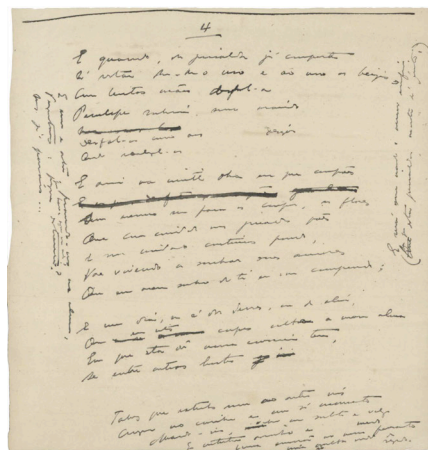


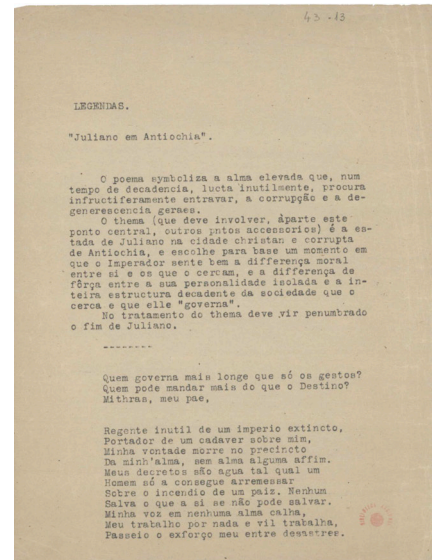
Fig. 7. BNP/E3, 43-48v

7. [BNP/E3, 43-13^r]

c. 1919?

Quem governa mais longe que só os gestos?
Quem pode mandar mais do que o Destino?
Mithras, meu pae □

Regente inútil de um imperio extinto,
Portador de um cadaver sobre mim,
Minha vontade morre no precinto
Da minh'alma, sem alma alguma affim.
Meus decretos são agua tal qual um
Homem só a consegue arremessar
Sobre o incendio de um paiz. Nenhum
Salva o que a si se não pode salvar.
Minha voz em nenhuma alma calha,
Meu trabalho por nada e vil trabalha,
Passeio o exorço meu entre desastres.

Fig. 8. BNP/E3, 43-13^r8. [BNP/E3, 44-5 e 44-6^r]

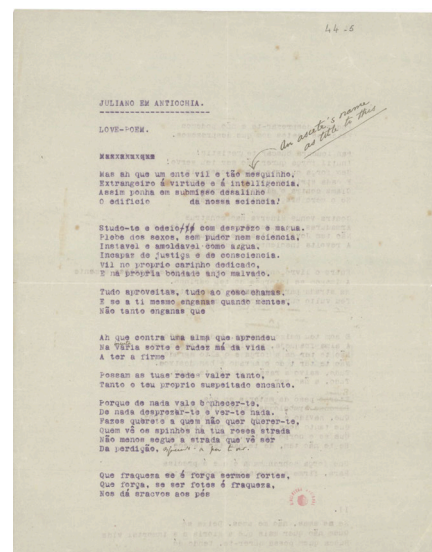
c. 1919?

Mas ah que um ente vil e tão mesquinho,
Estrangeiro á virtude e á intelligencia,
Assim ponha em submisso desalinho
O edificio □ da nossa sciencia!

Studo-te e odeio com desprezo e magua.
Plebe dos sexos, sem pudor nem sciencia,
Instavel e amoldavel como a agua,
Incapaz de justiça e de consciencia.
Vil no proprio carinho dedicado,
E na propria bondade anjo malvado.

Tu aproveitas, tudo ao goso chamas.
E se a ti mesmo enganas quando mentes,
Não tanto enganas que □

Ah que contra uma alma que aprendeu
Na incerta sorte e rudez má da vida
A ter a firme □

Fig. 9. BNP/E3, 44-5^r

Possam as tuas redes valer tanto,
Tanto o teu proprio suspeitado encanto.

20 Porque de nada vale conhecer-te,
De nada desprezar-te e ver-te nada.
Fazes querer-te a quem não quer querer-te,
Quem vê os spinhos na tua rosea strada
Não menos segue a strada que vê ser
Da perdição, esquecendo-a por te ver.

25 Que fraqueza se é força sermos fortes,
Que força, se ser fortes é fraqueza,
Nos dá scravos aos pés □

Podemos desprezar-te e nem queremos
Fazer os gestos com que desprezamos.

30 Van loucura buscar te resistir!
Inutil força querer não ser teu servo!
Sem força ou arte sabes conseguir.
E cada stria em nós de cada nervo
Clama contra o dominio da razão
35 Se o mero braço sente a tua mão.

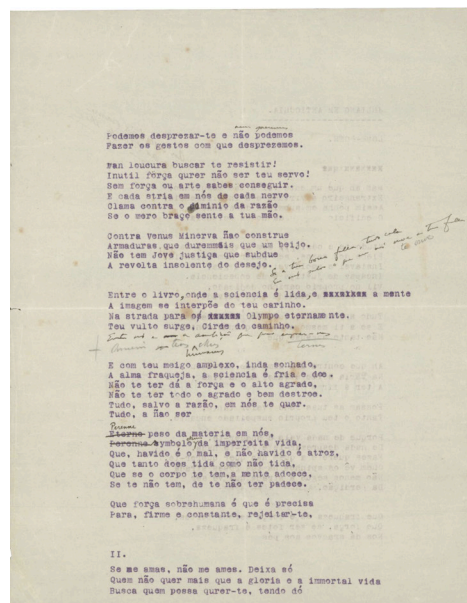


Fig. 10. BNP/E3, 44-5^v

Contra Venus Minerva não construe
Armaduras que dures mais que um beijo.
Não tem Jove justiça que subdue
A revolta insolente do desejo.
40 Se a tua bocca falla, tudo cala
Em nós saber o que em nós te ouve a falla.

Entre o livro, onde a sciencia é lida, e a mente
A imagem se interpõe do teu carinho.
Na 'strada para o Olimpo eternamente,
45 Teu vulto surge, Circe do caminho.
Entre nós e a ambição que quer erguer-nos
Anseiam teus humanos olhos ternos.

E com teu meigo amplexo, inda sonhado,
A alma fraqueja, a sciencia é fria e doe.

50 Não te ter todo o agrado e bem destroe.
Tudo, salvo a razão, em nós te quer.
Tudo, a não ser □

Perenne peso da matéria em nós,
Symbolo eterno da imperfeita vida,
55 Que, havido é o mal, e não havido é atroz,
Que tanto does tida como não tida,
Que se o corpo te tem, a mente adoece,
Se te não tem, de te não ter padece.

Que força sobrehumana é que é precisa
60 Para, firme e constante, rejeitar-te,
□

II.

Se me amas, não me ames. Deixa só
Quem não quer mais que a gloria e a immortal vida
Busca quem possa qu'rer-te, tendo dó
Que mal te fiz para que tu me ames,
65 Que odio me tens á vida para amar-me
□
E a noite que nos □ e nos spera –
E a madrugada, breve primavera.

9. [EMN, *sem cota*]

c. 1919?

Calou, submisso ao incognito destino
Por toda Antiochia,
No escurecer onde se as fórmis somem,
Num mixto murmuro de pranto e de hymno,
5 Revezavam-se as preces e a orgia.

Assim foi sempre, e será sempre, o homem.

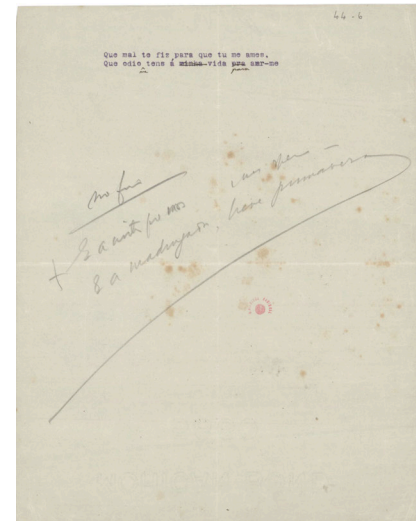


Fig. 11. BNP/E3, 44-6r

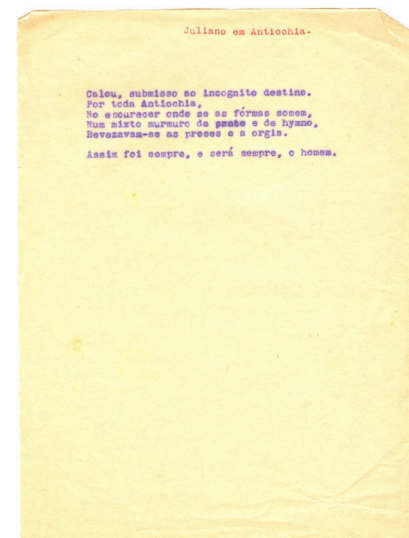


Fig. 12. EMN, *sem cota*

10. [CFT, *sem cota*]

c. 1919?

E o proposito addido sempre,
A vã vontade sempre dividida...

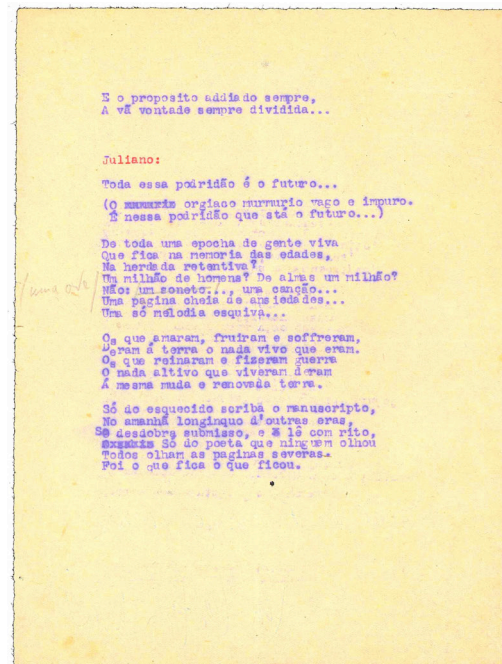
Juliano:

Toda essa podridão é o futuro...
(O orgiaco murmurio vago e impuro.
5 É nessa podridão que stá o futuro...)

De toda uma epocha de gente viva
Que fica na memoria das edades,
Na herdada retentiva?
Um milhão de homens? De almas um milhão?
10 Não: uma ode..., uma canção...
Uma pagina cheia de ansiedades...
Uma só melodia esquivã...

Os que amaram, fruíram e soffreram,
Deram á terra o nada vivo que eram.
15 Os que reinaram e fizeram guerra
O nada altivo que viveram deram
Á mesma muda e renovada terra.

Só do esquecido scriba o manuscripto,
No amanhã longinquo d'outras eras,
20 Se desdobra submisso, e lê com rito,
Só do poeta que ninguem olhou
Todos olham as paginas severas.
Foi o que fica o que ficou.

Fig. 13. EFT, *sem cota*

III. Anexos

ANEXO 1. [CFT, sem cota]

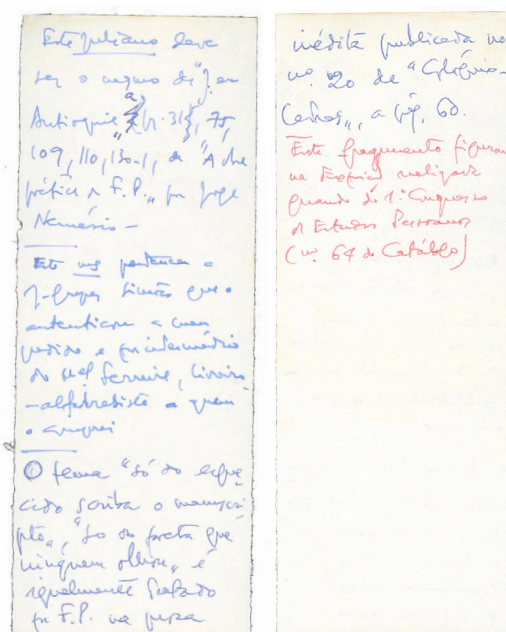
a quo Abril de 1978

Este *Juliano* deve ser o mesmo de “J[uliano] em Antioquia,, a pp. 31, 75, 109, 110, 130-1, de “A obra poética de F. P.,” por Jorge Nemésio –

Este *ms.* pertenceu ao J[oa]o Gaspar Simões que o autenticou a meu pedido e por intermédio de M[anu]el Ferreira, livreiro-alfarrabista a quem o comprei.

O tema “só do esquecido scriba o manuscripto,,, “só do poeta que ninguém olhou,, é igualmente tratado por F. P. na prosa inédita publicada no n.º 20 de “Colóquio,,, a pág. 60.

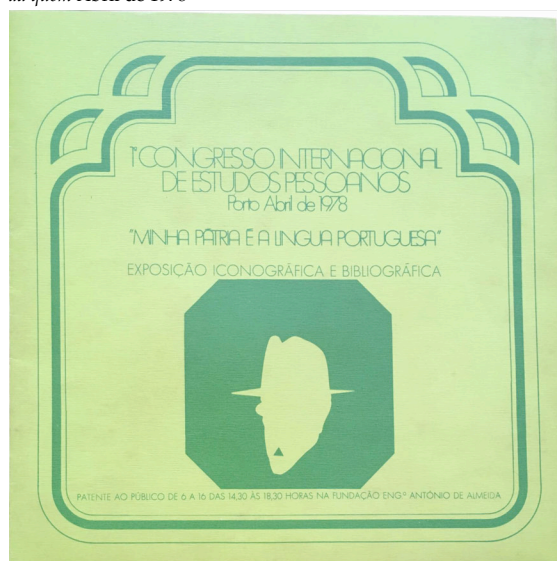
Este fragmento figurava na Exposição realizada quando do 1º Colóquio de Estudos Pessoaanos (n.º 64 do Catálogo)



Figs. 14 e 15. Notas de Fernando Távora (CFT)

ANEXO 2. [CFT, sem cota]

ad quem Abril de 1978



Figs. 16 e 17. Capa e pormenor com o item 64 do catálogo do 1º Col. de Est. Pessoaanos (CFT)

ANEXO 3. [BNP/E3, 28-101a^v e 28-101^v]

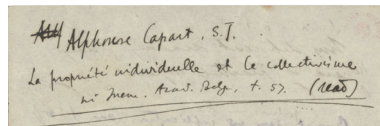
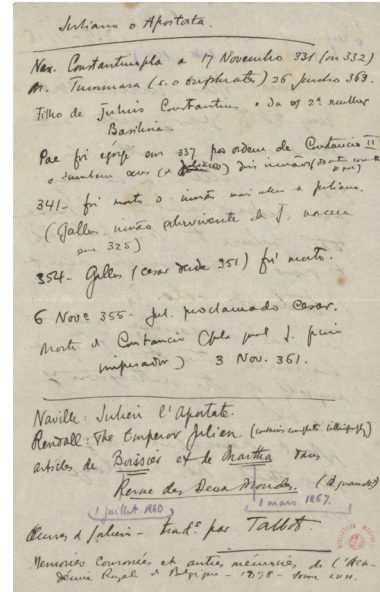
c. 13-6-1916

*Juliano o Apostata.*Nascimento:¹ Constantinopla a 17 Novembro 331 (ou 332)Morte:² Tummara (sobre³ o Euphrates) 26 Junho 363.Filho de Julius Constantius e da sua⁴ 2^a mulher Basilina.Pae foi égorgé em 337 por ordem de Constancio II e também seus (de Juliano)⁵ dois irmãos (do outro casamento do pae).

341 – foi morto o irmão mais velho de Juliano.

(Gallus, irmão sobrevivente de Juliano⁶ nascera em 325)

354 – Gallus (Cesar desde 351) foi morto.

6 Nov^o 355 – Juliano⁷ proclamado Cesar.Morte de Constancio (pela qual Juliano⁸ ficara imperador)
3 Nov. 361.Naville: *Julien l'Apostate*.⁹Rendall: *The Emperor Julian* (contains complete bibliography)Articles de Boissier (1 juillet 1880) et de Martha (1 mars 1867) dans *Revue des Deux Mondes*.¹⁰*Oeuvres de Julien* – traduites¹¹ par Talbot.*Memoires Couronnées et autres mémoires de l'Académie Royale de Belgique* – 1898 – tome LVII.Alphonse¹² Capart, S. J.«La propriété individuelle et le collectivisme»¹³
in *Mémoires de l'Académie Royale de Belgique*,¹⁴
t. 57 (read)Figs. 18 e 18a. BNP/E3, 28-101a^v e 28-101^v (pormenor)

ANEXO 4. [BNP/E3, 28-101^v]

c. 13-6-1916

17 Novembro – ☉ in ♍ 27° – 2

26 ou 27 ou 28 ♍

estava onde estava em 17 Nov 1887
ou 1889

$$\begin{array}{r}
 1900 \\
 331 \\
 \hline
 2231 \\
 190 \\
 \hline
 2041 \\
 190 \\
 \hline
 1851 \\
 38 \\
 \hline
 1889
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r}
 23 \\
 13 \\
 \hline
 36
 \end{array}$$

Alphonse Capart, S.I.
La propriété individuelle et la collectivisme
in: Mon. Anst. Belg., t. 57, (1900)

17 Novembro. ☉ in ♍ 27° – 2
26 ou 27 ou 28 ♍

1900
331
2231
190
2041
190
1851
38
1889

26 Jun = 59
17. 11. 331 = 17 = 8
13. 6. 1888 = 35 = 8
10 25

17. 11. 331 = 10 + 7 = 17 = 8
13. 6. 1888 = 10 + 25 = 35 = 8

26. 6. 363 = 14 + 12 = 26 = 8
3. 11. 361 = 14 + 10 = 24 = 6
6. 11. 355 = 17 + 13 = 30 = 3

Figs. 19 e pormenores. BNP/E3, 28-101^v

26 Jun = 59
17. 11. 331 = 17 = 8
13. 6. 1888 = 35 = 8
10 25

17. 11. 331 = 10 + 7 = 17 = 8
13. 6. 1888 = 10 + 25 = 35 = 8

26. 6. 363 = 14 + 12 = 26 = 8
3. 11. 361 = 14 + 10 = 24 = 6
6. 11. 355 = 17 + 13 = 30 = 3

ANEXO 5. [BNP/E3, 28-101^r e 28-101a^r]

c. 13-6-1916

Bossuet, dans ses explications sur l'Apocalypse, prouve longuement que Julien est la bête.¹

Christianity (its state in evil enfevers souls) Martha. 144

p. 145, end – 148 (very good² comparison between the absence of religious wars in pagan antiquity & the christian ones)

146 (middle)

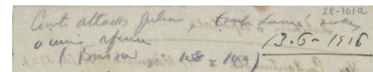
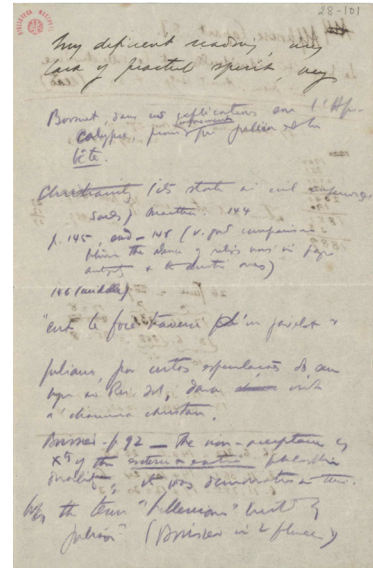
“eut le foie traversé d'un³ javelot”

Juliano, por certas especulações do seu hymno ao Rei Sol, dava vida⁴ á chamma christan.

Boissier – p 92 – The non-acceptance by Christianity⁵ of the esoteric & exoteric philosophic duality: it was democratic sometimes.⁶

Was the term “hellenism” created by Julian? (Boissier in 2 places)⁷

[Auguste] Comte attacks Julian, Émil Lamé makes a curious defence (Boissier, 108-109)



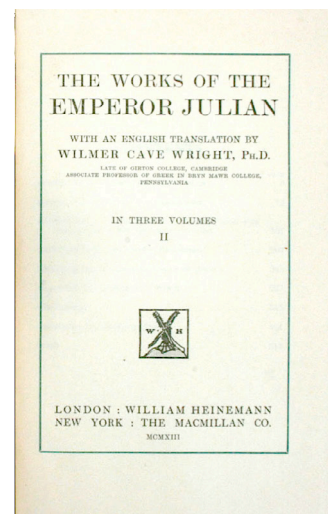
Figs. 20 e 20a. BNP/E3, 28-101^r

ANEXO 6. [CFP, 8-285, vol. II, “Misopogon”]

[passagem sublinhada por Pessoa, a quo 1913 (c. 1916?)]

«first you begin by refusing slavery to the gods, secondly to the laws, and thirdly to me who am the guardian of the laws.»

reason, I think, that you are so very happy, because you refuse every form of slavery; first you begin by refusing slavery to the gods, secondly to the laws, and thirdly to me who am the guardian of the laws. And I should indeed be eccentric if, when the gods

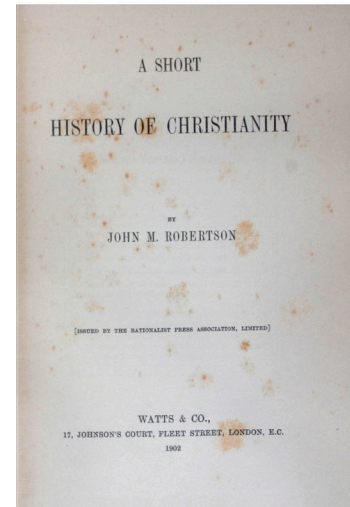


Figs. 21 e 22. CFP, 8-285, vol. II: rosto e p. 473 (pormenor)

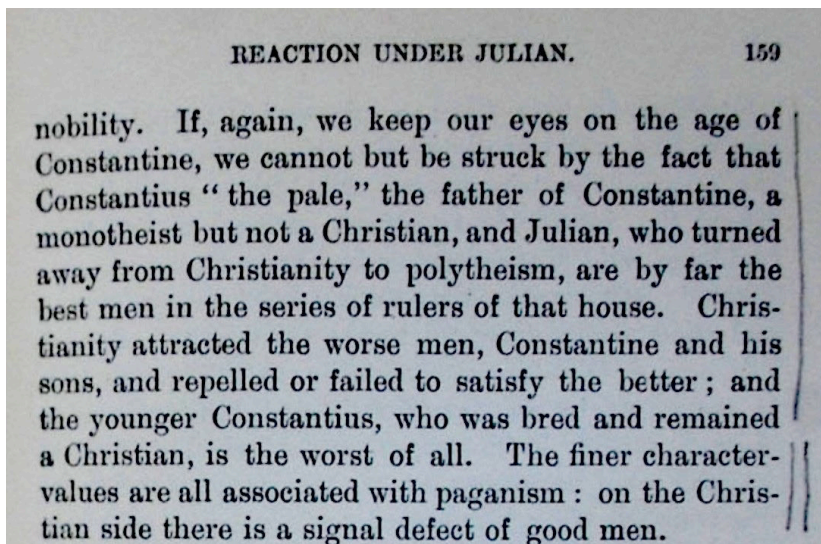
ANEXO 7. [CFP, 2-55, "Reaction under Julian"]

[passagens sublinhadas por Pessoa, *a quo* 1902 (c. 1916?)]

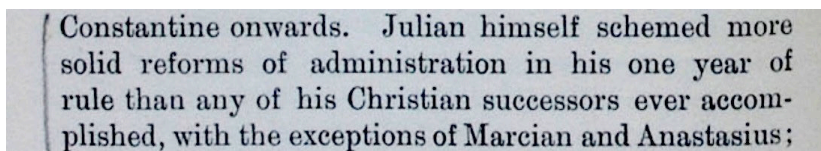
«If, again, we keep our eyes on the age of Constantine, we cannot but be struck by the fact that Constantius "the pale," the father of Constantine, a monotheist but not a Christian, and Julian, who turned away from Christianity to polytheism, are by far the best men in the series of rulers of that house. Christianity attracted the worse men, Constantine and his sons, and repelled or failed to satisfy the better; and the younger Constantius, who was bred and remained a Christian, is the worst of all. The finer character-values are all associated with paganism: on the Christian side there is a signal defect of good men.»



Figs. 23 a 25. CFP, 2-55: rosto, pp. 159 e 162 (pormenores)



«Julian himself schemed more solid reforms of administration in his one year of rule than any of his Christian successors ever accomplished, with the exceptions of Marcian and Anastasius»



IV. Aparato Crítico

1. [BNP/E3, 42-26^r]

ATRIBUIÇÃO: Ó Juliano Apóstata [*evocação no incipit*]

DESCRIÇÃO: Tira parda vincada ao meio (na horizontal), manuscrita a tinta preta, com intervenções a lápis cinza. O documento contém quatro grupos de versos (dois em 42-26^r e dois em 42-26^v) atribuíveis ao poema «Juliano em Antiochia» ou «Julião Apóstata» – títulos que aparecem no documento (vide *Anexos*).

DATAÇÃO: O texto na metade inferior de 42-26^v, o único datado do suporte (3-6-1916), parece ter sido o último escrito do papel, como sugeriu Dionísio (PESSOA, 2005c: 334-335); o poema em questão será temporalmente próximo e, provavelmente, anterior.

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005a: 353-354; 2005c: 83; LOPES, 1990: 81-82; NEMÉSIO, 1958: 108 (*incipit*).

NOTAS:

- 1 Ó Juli<ão>/ano\ *emenda a lápis.*
- 9 <em que> [↑ o mando]
- 10 d<'>/e\ alma
- 11 <de> [↑ por] Maio [↑ a] Junho
- 15 livros, <+>

2. [BNP/E3, 42-26^r]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia [*título do projecto ao qual o poema se liga, através de uma seta*]

DESCRIÇÃO: Mesmo suporte do poema anterior. Uma linha conectada ao v. 1 visualmente liga este texto ao projecto «Juliano em Antiochia» (nomeadamente, à primeira parte do projecto, como se vê no APÊNDICE 1). Entretanto, as informações do plano não são suficientes para associar as demais estrofes em 42-26 às respectivas partes da planejada obra.

DATAÇÃO: Mesma datação do poema 1.

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005a: 354; 2005c: 84.

NOTAS:

- 3 <meu +> [↑ meu ser]
- 6 Rio fundo [↑ vago] [↓ vasto]

APÊNDICE 1

[42-26^r – ms. – projecto do poema]

Juliano em Antiochia:

The idle efforts of a reformer, of a man who wishes to bring back the fair past to the evil present, the past of kings to the present of slaves.

- 1. My invocation
- 2. A vision of Julian in Antiochia
- 3. Conclusion

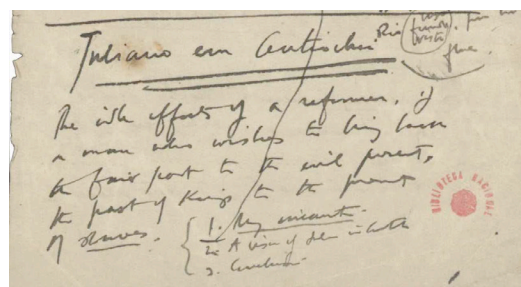


Fig. 26. BNP/E3, 42-26^r (pormenor)

3. [BNP/E3, 42-26^v]

ATRIBUIÇÃO: Eu, Julião o Apostata [*referência no v. 3*]

DESCRIÇÃO: Mesmo suporte do poema anterior. Entre este poema e o seguinte, numa seção demarcada por linhas horizontais, figuram um título e um subtítulo do projecto «Julião Apostata» (*vide* APÊNDICE 2).

DATAÇÃO: Mesma datação dos poemas 1 e 2.

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005a: 354; 2005c: 84; LOPES, 1990: 82.

NOTAS:

5 Não é [→ era] minha

APÊNDICE 2

[42-26^v – ms. – título e subtítulo de projecto]

Julião Apostata –
biographia
estatua ou busto

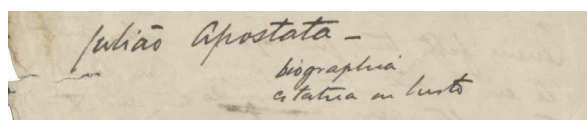


Fig. 27. BNP/E3, 42-26^v (pormenor)

4. [BNP/E3, 42-26^v]

ATRIBUIÇÃO: [*por afinidade métrico-temática e contiguidade a poemas e projectos de atribuição explícita*]

DESCRIÇÃO: Mesmo suporte do poema anterior. Entre este poema e o seguinte, numa seção demarcada por linhas horizontais, figuram um título e um subtítulo do projecto «Julião Apostata» (*vide* Anexo 2).

DATAÇÃO: 3-6-1916

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005a: 355; 2005c: 84; LOPES, 1990: 82-83; NEMÉSIO, 1958: 108 (*incipit*).

NOTAS:

7 <vendo> [↑ olhando]
11 Alguem <que> com gesto
13 /profundamente/

5. [BNP/E3, 42-47^r]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia.

DESCRIÇÃO: Folha azulada picotada na horizontal com a marca d'água ALMAÇO PRADO, manuscrita a tinta preta. Na edição crítica, que aqui se segue, Dionísio nota duas pequenas cruces (uma acima do v.1 e outra abaixo do v.4), sinais de delimitação da primeira estrofe (PESSOA: 2005: 407).

DATAÇÃO: 23-11-1918

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005b: 22; 2005c: 174; NEMÉSIO, 1958: 109 (*incipit*).

NOTAS:

3 <Com pr> [↑ Pouco <leve> {↑ a} pouco]

6. [BNP/E3, 43-47 e 43-48]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia.

DESCRIÇÃO: Dois fragmentos de folha amarelada com marca d'água vegetalista (quatro folhas formando uma cruz), manuscrita a tinta preta. A partir de 43-47^v, as páginas encontram-se numeradas de «2» a «4».

DATAÇÃO: 22-5-1919 (em 43-47^r)

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005b: 52-55; 2005c: 205-207; LOPES, 1990: 83 (43-47^r); NEMÉSIO, 1958: 110 (*incipit*).

NOTAS:

- 4 *Hexassílabo possivelmente completo.*
- 10 E [↑ o] amor
- 13 <que> [↑ teres]
- 23 <e> [↑ por] <a razão> [↑ a razão],
- 25 <Nem de> [↓ Que ao menos ao meu esforço condenado]
- 27 <*Amado *um renascido> [↑ Renascimento dê num]
- 28 benigno
- 30 meio <minha> o Imperador.
- 33-35 *Na margem direita da pág., perpendicularmente aos vv. precedentes.*
- 33 *Octossílabo aparentemente completo.*
- 34 statua <†> [↑ antiga]
- 36 <vem t> [↑ enche os hortos.]
- 38 e 40 *Octossílabos aparentemente completos.*
- 38 [←E] Se os <antigos> [↑ deuses],
- 40 O amor <† t> [↑ á vida, que]
- 42 sol <já nas> [↑ só em] casas
- 45 proprio <*ref> [↑ sabor] *cruz de hesitação à direita do v.*
- 46-47 *Cruz de hesitação à esquerda dos vv.*
- 50 <procura> [↑ busca], e no </perdido/> [↑ deixado] horto
- 52 <As> <f>/F\lor<e>/'\s
- 53 <sem> [↑ como] estas sebes,
- 58 <Mas † † > [↓ Desfal-a como aos □ desejos]
- 61 <E no que, desfeito, † não pões grinaldas> [↓ Sem mesmo ser para os campos, as flores]
- 67 Que <um ser os †> [↑ em outros] corpos volt<†>/a\
- 69 hortos <ja †>
- 72 <†> [↑ *venha] *verso de difícil leitura, aparentemente hipermétrico.*
- 75 occ[↓†]ulta
- 76-77 *Na margem direita da página.*
- 77 (<Que> [↑ Por que] esta grinalda morta é feita;)] *interpretamos esses parênteses do autor como sinais de hesitação.*
- 78-80 *Na margem esquerda da página.*
- 79 porque estremece? [↑ que houve agora em mim?]

7. [BNP/E3, 43-13^r]

ATRIBUIÇÃO: LEGENDAS. [título geral no topo da página] | “Juliano em Antiochia”.

DESCRIÇÃO: Fragmento de folha parda, dactilografada a tinta preta. Uma explicação em prosa precede o poema (*vide* APÊNDICE 3).

DATAÇÃO: c. 1919? [por estar dactilografado, conjectura-se que este poema seja posterior aos manuscritos datados atribuíveis ao mesmo projecto; Silva, Freitas e Dine também conjecturaram essa datação em PESSOA, 2005b: 449]

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005b: 51-52; 1990: 80-81; NEMÉSIO, 1958: 109 (*incipit*).

APÊNDICE 3

[42-26^v – ms. – título e subtítulo de projecto]

O poema simboliza a alma elevada que, num tempo de decadência, luta inutilmente, procura infructiferamente entrar, a corrupção e a degenerescência geraes.

O thema (que deve envolver, à parte este ponto central, outros p[on]tos accessorios) é a estada de Juliano na cidade christan e corrupta de Antiochia, e escolhe para base um momento em que o Imperador sente bem a diferença moral entre si e os que o cercam, e a diferença de fôrça entre a sua personalidade isolada e a inteira estrutura decadente da sociedade que o cerca e que elle “governa”.

No tratamento do thema deve vir penumbrado o fim de Juliano.

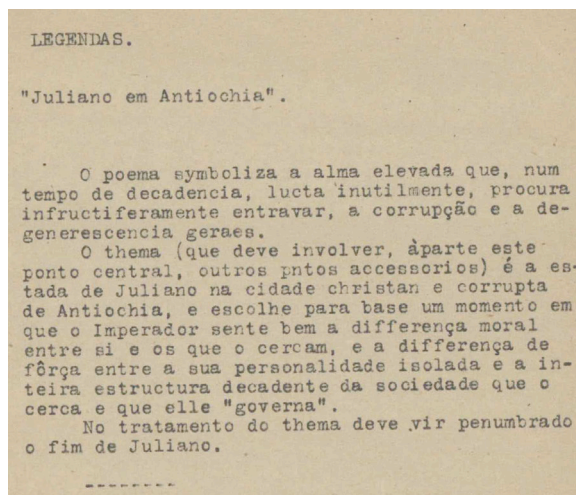


Fig. 28. BNP/E3, 42-26^v (pormenor)

8. [BNP/E3, 44-5 e 44-6^r]

ATRIBUIÇÃO: JULIANO EM ANTIOCHIA | LOVE-POEM

DESCRIÇÃO: Duas folhas de papel de máquina vincadas ao meio (na vertical e na horizontal), dactilografadas a tinta roxa e com intervenções manuscritas a tinta preta e a lápis cinza. O poema encontra-se dividido em duas partes, com a indicação «II» na parte inferior de 44-5^v.

DATAÇÃO: Mesma datação conjectural do poema 7.

PUBLICAÇÕES: PESSOA, 2005b: 55-57; NEMÉSIO, 1958: 110 (*incipit*).

NOTAS:

- 1 <Mas ahu que> [↓ Mas ah que um ente vil e mesquinho,] à direita do v., com uma seta ligada à palavra <mesquinho>, lê-se a nota manuscrita: «An ascete's name as title to this».
- 5 odeio<-te>
- 7 como a [←a]gua
- 15 Na varia [↑ incerta]
- 21 Fazes quere[r]-te] *emenda editorial*.
- 24 Da perdição, [→ esquecendo-a por te ver]
- 26 ser fo[r]tes] *emenda editorial*.
- 27 sracvos] *com gralha no dact.*
- 28 não podemos [↑ nem queremos]
- 40-41 Vv. *acrescentados à direita*.
- 41 Em nós saber o que em nós ouve a tua [↓ te ouve {a}] falla] *acrescento editorial de {a}*.
- 42 e <os olhos> a mente

- 44 para o<s> <deuses> Olympos
 46-47 Vv. *manuscritos abaixo da estrofe, com cruz de hesitação na margem esquerda.*
 47 Anseiam <os> teus [↓ humanos] olhos □ ternos.] *o espaço inicialmente deixado em branco entre «olhos» e «ternos» terá sido metricamente preenchido pelo acrescentado de «humanos» alhures no v.*
 53 <Eterno> [↑ Perenne] peso
 54 <Perenne> symbolo [↑ eterno] da
 63 qu[']rer-te] *a contração é metricamente necessária e consta no doc.; apenas o apóstrofo é editorial.*
 65 Que odio [↓ me] tens á <minha> vida <pra> [↓ para] amar-me
 66-67 Vv. *a manuscritos lápis abaixo do poema, sob a indicação «no fim», com cruz de hesitação à esquerda do v. 66.*

9. [Espólio Manuela Nogueira (EMN), *sem cota*]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia.

DESCRIÇÃO: Folha de papel de máquina dactilografada a tinta lilás e vermelha.

DATAÇÃO: Mesma datação conjectural dos poemas 7 e 8.

PUBLICAÇÕES: Inédito.

NOTAS:

- 4 de <prece>/pranto\] «r» e «a» sobrepostos na palavra substituta.

10. [Colecção Fernando Távora (CFT), *sem cota*]

ATRIBUIÇÃO: Juliano: [*indicação de personagem entre os vv. 2 e 3*]

DESCRIÇÃO: Folha de papel de máquina dactilografada a tinta lilás e vermelha, com intervenções a lápis cinza. Embora haja dois versos acima da indicação de personagem, entende-se que também sejam parte do poema, que poderia constituir um diálogo dramático. No verso da folha, lêem-se duas intervenções a tinta azul de João Gaspar Simões, que autenticou o documento a pedido de Fernando Távora: «original de Fernando Pessoa | João Gaspar Simões» (*vide* ANEXO 1).

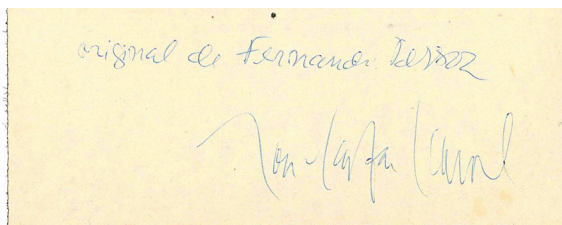


Fig. 29. CFT, *sem cota* (pormenor).

DATAÇÃO: Mesma datação conjectural dos poemas 7 a 9.

PUBLICAÇÕES: Inédito.

NOTAS:

- 4 <mumurio> orgiaco murmurio
 10 Não: [←uma ode] <um soneto>..., uma canção...] *var. manuscrita à esquerda do v.*
 20 [←S]<O>/e\ desdobra submisso, e <o> lê
 21 <O sabio> Só

Anexo 3 [BNP/E3, 28-101a^v e parte de 28-101^v]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia.

DESCRIÇÃO: bifólio de folha parda, com cada uma das quatro páginas também vincada ao meio (na horizontal), manuscrito a tinta preta e a lápis lilás. Além dos apontamentos biográficos sobre

Juliano em 28-101a^v, há referências bibliográficas (espalhadas pelas quatro páginas) e um texto de reflexão pessoal em 28-101a^r e 28-101^r (*vide* APÊNDICE 4).

DATAÇÃO: c. 13-6-1916 [data de referência em 28-101a^r]

PUBLICAÇÕES: Inédito.

NOTAS:

- 1 Nasc[imento:]
- 2 M[orte:]
- 3 s[obre] o Euphrates
- 4 s[ua] mulher
- 5 de <*Julian> [↑ Juliano]
- 6 J[uliano]
- 7 Jul[iano]
- 8 J[uliano]
- 9 *Editam-se os títulos de livros em itálico, mesmo quando não sublinhados por Pessoa.*
- 10 Articles de Boissier [↓ 1 juillet 1880] et de Martha [↓ 1 mars 1867] dans *Revue des Deux Mondes*. [→(e quando?)] a pergunta «e quando?» será anterior às datas acrescentadas a lápis lilás.
- 11 trad[uite]^s
- 12 <Allp> Alphonse
- 13 *Edita-se o título do artigo entre aspas, por convenção.*
- 14 Mém[oires de l']Acad[émie Royale de] Belg[ique]

Anexo 4 [BNP/E3, 28-101^v]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia.

DESCRIÇÃO: mesmo suporte do ANEXO 3, manuscrito a tinta preta; além das anotações astrológicas, há uma referência bibliográfica (incluída na edição do ANEXO 3).

DATAÇÃO: c. 13-6-1916 [data de referência em 28-101a^r]

PUBLICAÇÕES: Inédito.

Anexo 5 [BNP/E3, 28-101^r e parte de 28-101a^r]

ATRIBUIÇÃO: Juliano em Antiochia.

DESCRIÇÃO: mesmo suporte dos ANEXOS 3 e 4, manuscrito a tinta lilás

DATAÇÃO: c. 13-6-1916 [data de referência em 28-101a^r, associada ao escrito de reflexão pessoal que também se encontra no suporte (*vide* APÊNDICE 4)]

PUBLICAÇÕES: Inédito.

NOTAS:

- 1 Cf. MARTHA, 1867: 141 (*trata-se de uma citação do texto de Martha, ipsis litteris*).
- 2 v[ery] good
- 3 <par>/d\'un javelot
- 4 dava <*chamma> vida á chamma
- 5 by X^{ty}
- 6 some-times] em vez de hífen, o traço seria indicação de que a palavra era uma só.
- 7 Cf. BOISSIER, 1880: 78 e 96 (pp. em que surge o termo «hellénisme»).

APÊNDICE 4

[28-101a^r e 28-101^r – ms. – cf. PESSOA, 2003: 172 e 174]

I have, thus, arrived at my 28th year with nothing done in life—nothing in life, in letters or in my own individuality. I have tasted failure to the full up to now. How longer must I taste it, alas?

The more I examine my conscience, the less I acquit myself of the nothingness of my life.

What horrific thing is this that has so delayed me?

My deficient reading, my lack of practical spirit, my □

28-101a
 13.5-11.6
 I have, thus, arrived at
 my 28th year with nothing
 done in life, in letters or in
 my own individuality. I have
 tasted failure to the full up
 to now. How longer must I
 taste it, alas?
 The more I examine my
 conscience, the less I acquit
 myself of the nothingness of
 my life.
 What horrific thing is this
 that has so delayed me?
 My deficient reading, my
 lack of practical spirit, my

28-101r
 My deficient reading, my
 lack of practical spirit, my

Figs. 30 e 30a. BNP/E3, 28-101a^r

V. Aparato de Divergências de Leitura da Tradição

Sempre que um poema aqui editado também conste na edição crítica da Imprensa Nacional–Casa da Moeda (INCM – PESSOA, 2005c), recenseamos apenas as divergências de leitura da sua edição. Quando um poema não tenha sido incluído na edição da INCM, mas tenha saído alhures, apresentam-se as divergências de leitura da edição mais recente: a da Assírio & Alvim (A&A – PESSOA, 2005a e 2005b). Cada leitura divergente é seguida pela sigla da edição que a oferece (INCM ou A&A), não sendo consideradas as diferenças de pontuação ou as divergências decorrentes de normas ortográficas distintas.

2. *Fecho os olhos, medito*

[INCM] 4: No inteiro eu então vivo

3. *Outr’ora*

[INCM] 3: apostata] *com inicial minúscula*

5. *No azul da tarde o hymno christão se mexe*

[INCM] 6: logo-deus] *com iniciais minúsculas*

6. *Agir, sabendo*

[INCM] 13: de ti teres 21: senão o ceu 27: nunca melhorado 31: ergo da obra
44: O que de nova seiva 45: e o proprio sabor 47: *Ruínas da vida 49: põe as claras
flores 50: violetas *leva 57: Penelope sonhará 65: de ti se iam compondo 66: E
um dia, ou é 71: Amigos no carinho e um só momento 72: Olhando-nos, aches um
75: occulta vida de segredo 76: E será que nada

7. *Quem governa mais longe que só os gestos?*

[INCM] *não consta o poema.*

8. *Mas ah que um ente vil e tão mesquinho,*

[INCM] *não consta o poema.*

[A&A] 15: Na vária sorte 28: desprezar-te e não podemos 41: o que em nós ouve a
tua fala 47: olhos □ ternos 65: me tens à minha vida 66-67: vv. omitidos do poema e
apresentados apenas no aparato.

9. *Calou, submisso ao incognito destino*

[Inédito]

10. *E o proposito addiado sempre,*

[Inédito]

VI. Bibliografia

[Bibliografia Ativa de «Juliano» em Antiochia]

- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa Por Conhecer – Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- NEMÉSIO, Jorge (1958). *A obra poética de Fernando Pessoa: estrutura das futuras edições*. Salvador: Aguiar & Souza.
- PESSOA, Fernando (2005a). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2005b). *Poesia 1918-1930*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2005c). *Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920*. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, 2).

[Obras na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa]

- (The) *Gem Pocket Pronouncing Dictionary of the English Language*. With an Appendix, containing abbreviations, foreign words and phrases, forms of address, etc. Durban; Martizburg: Adam & Co, [s.d.]. [CFP, 0-6A]
- JULIAN, Imperador (1913). *The Works of the Emperor Julian*. With an English translation by Wilmer Cave Wright, Ph.D. 3 vols. London: William Heinemann; New York: The Macmillan Co. (The Loeb Classical Library). [CFP, 8-285; só os vols. I e II encontram-se na biblioteca]
- ROBERTSON, John Mackinnon (1902). *A Short History of Christianity*. London: Watts & Co. [CFP, 2-55]
- V.V.A.A. (1912). *Revue des Deux Mondes*, ano LXXXII, período 6, vol. 8, Paris, 15 Abr.; ano LXXXII, período 6, vol. 9, Paris, 1 Jun. [CFP, 0-19]
- WOOD, James [dir.] (1900). *The Nuttall Encyclopædia (being a concise and comprehensive dictionary of general knowledge)*. London: Frederick Warne & Co. [CFP, 0-48 LMR]

[Obras Citadas nas Notas de Fernando Pessoa]

- BOSSUET, Jacques Benigne (1689). *L'Apocalypse avec une Explication*. Paris: Sébastien Mabre-Cramoisy, Imprimeur du Roy.
- BOISSIER, Gaston (1880). «L'Empereur Julien». *Revue des Deux Mondes*, ano L, período 3, vol. 40, Paris, 1 Jul., pp. 72-111.
- CAPART, Alphonse S.-J. (1898). «La Propriété Individuelle et le Collectivisme». *Mémoires Couronnés et Autres Mémoires de l'Académie Royale de Belgique*, tomo LVII, parte 3, Bruxelles, Mar-Dez.
- JULIAN, Emperor (1913). «Hymn to King Helios Dedicated to Sallust». *The Works of the Emperor Julian*, vol. I. Com tradução inglesa de Wilmer Cave Wright. London: William Heinemann; New York: The Macmillan Co. (The Loeb Classical Library), pp. 353-435. [CFP, 8-285]
- JULIEN, L'Empereur (1863). *Œuvres Complètes de L'Empereur Julien*. Traduction nouvelle accompagnée de sommaires, notes, éclaircissements, table analytique des matières, index alphabétique et précédée d'une étude sur Julien par Eugène Talbot. Paris: Henri Plon.
- MARTHA, Constant (1867). «L'Empereur Julien – l'Église et l'Empire au quatrième siècle, par M. Albert de Broglie, 3^e édition, Paris, Didier, 1866». *Revue des Deux Mondes*, ano XXXVII, período 2, vol. 68, Paris, 1 Mar., pp. 137-169.
- NAVILLE, H.-Adrien (1877). *Julien l'Apostat e sa Philosophie du Polythéisme*. Paris: Didier et C^{ie}; Neuchatel: Sandoz; Genève: Desrois.
- RENDALL, Gerald Henry (1879). *The Emperor Julian—Paganism and Christianity, with genealogical, chronological and bibliographical appendices*. Cambridge: Deighton, Bell and Co.
- V.V.A.A. (1898). *Mémoires Couronnés et Autres Mémoires de l'Académie Royale de Belgique*, tomo LVII, Bruxelles.

[Outras Referências]

- DIX, Steffen (2005). *Heteronymie und Neopaganismus bei Fernando Pessoa*. Würzburg: Königshausen & Neumann.
- ENDŌ, Shūsaku (1969). *Silence*. Translated by William Johnston. London: Peter Owen.
- ____ (1966). 沈黙 [*Chinmoku*]. Tōkyō: Shinchōsha.
- FERRARI, Patricio (2016). «Bridging Archives: twenty-five unpublished English poems by Fernando Pessoa». *People of the Archive: the contribution of Hubert Jennings to Pessoaan studies* Providence: Gávea-Brown, pp. 231-261 [1ª publicação em *Pessoa Plural—a Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, 2015, pp. 365-431].
- ____ (2008). «Fernando Pessoa as a Writing-reader: Some Justifications for a Complete Digital Edition of his Marginalia». *Portuguese Studies*, Vol. 24, No. 2, Modern Humanities Association, pp. 69-114.
- FREITAS, Filipa de (2016). «"Fernando Pessoa," a document not by Fernando Pessoa». *People of the Archive: the contribution of Hubert Jennings to Pessoaan studies* Providence: Gávea-Brown, pp. 183-195 [1ª publicação em *Pessoa Plural—a Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, 2015, pp. 282-309].
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles [eds.] (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JENNINGS, Hubert Dudley (1986). *Fernando Pessoa in Durban*. Durban: Durban Corporation.
- ____ (1984). *Os Dois Exílios*. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos & Fundação Engenheiro António de Almeida.
- PESSOA, Fernando (2016). *Obra Completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2014). *Álvaro de Campos – Obra Completa*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição e posfácio de Richard Zenith, com a colaboração de Manuela Parreira da Silva e traduções de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1979). *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional*. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- ____ (1974). "Textos inéditos de Fernando Pessoa – apresentados por Jacinto do Prado Coelho". *Colóquio Letras*, n.º 20, Jul., pp. 54-60.
- ____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- PITTELLA, Carlos [ed.] (2016) *People of the Archive: the contribution of Hubert Jennings to Pessoaan studies* (a printed edition of *Pessoa Plural—a Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8). Providence: Gávea-Brown.
- ____ [ed.] (2015). *Pessoa Plural—a Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8 (Special Jennings Issue), Brown University, Warwick University e Universidad de los Andes, Outono.